NOSSOS MESTRES

Carlos Vieira/CB/D.A.Press

Vocação para acolher



Alfabetizadora do CEF 5 do Guará, a professora Andréia Azenha Marques mantém há mais de 25 anos o brilho nos olhos na hora de receber cada novo aluno

» MARIANA NIEDERAUER

"Alfabetizar, para mim, é abrir as portas do mundo com uma pessoa." É assim que a professora Andréia Azenha Marques define o sentimento que se fortalece a cada dia de exercício do magistério. Aos 45 anos, ela passou mais tempo de vida atuando em sala de aula do que fora. Pisou numa classe como regente pela primeira vez ainda aos 17 anos, após concluir a formação na antiga Escola Normal. Hoje, é a companheira dos alunos do Centro de Ensino Fundamental 5 do Guará na mágica trajetória da alfabetização.

"Sabemos o quanto a leitura e a escrita são fundamentais na vida de uma pessoa. Então, quando você pega uma criança, um ser pequenininho, para transformar e ver aquele crescimento, é muito emocionante", conta Andréia, sem conseguir conter o choro de orgulho e de alegria. "Porque, para mim, não é simplesmente o alfabetizar, não é tão mecânico. Alfabetização tem muito a ver com afetividade. Se você não tem afetividade, um vínculo com seu aluno, não funciona. Ele tem que se sentir confiante, estimulado, feliz, alegre. A escola tem que ser um lugar de aconchego, de acolhimento, de pertencimento", resume a professora, que trabalha na Secretaria de Educação há 26 anos.

A mesma emoção e empenho ela manteve até durante a pandemia, seja nos encontros virtuais, seja nos primeiros meses de retorno presencial, quando as precauções ainda eram necessárias. "Eu busco recebê-los todos os dias com abraço, com beijo, faço uma festa! Mesmo na pandemia a gente usava umas mãozinhas, dava um jeito. Eu sou muito do abraço, do afeto, pois assim eles vão se sentindo seguros." Essa é uma maneira, segundo a professora, de tornar o aprendizado mais leve. Premissa que Andréia segue à risca, e por um motivo tão nobre quanto desafiador.

Motivação especial

Nascida em Brasília e criada em uma região de baixo desenvolvimento econômico — a M Norte, em Ceilândia — ela precisou quebrar as barreiras trazidas pelas dificuldades financeiras e enfrentou a falta de empatia de muitos dos professores por quem cruzou. A dificuldade se transformou em força e estímulo para fazer diferente — e melhor. "Minha mãe tinha uma formação, mas não o suficiente para me auxiliar. O meu pai também. Sou filha de taxista e minha mãe era servidora da escola", relata Andréia.

"Eu sempre tive muita dificuldade na escola, mas eu era uma pessoa que queria muito aprender", relembra. "Então, eu falava que um dia eu seria uma professora diferente. Porque os meus professores olhavam para uma turma, não olhavam para o histórico de vida, as dificuldades sociais que as pessoas enfrentavam, os problemas familiares. Não que a gente vá resolver, mas quando a gente compartilha isso, entende, compreende, é fundamental. Eu me virava para estudar. Ficava ali procurando alternativas para entender."

O objetivo principal de vida se tornou, então, fazer diferente quando chegasse a hora dela de lecionar. "A minha história de vida como professora é focada